



**CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA PRÓ-REITORIA DE ENSINO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM**

**EMANUELLA TEIXEIRA HENRIQUE ALVES
YSLEN LAWANDA NASCIMENTO DIAS**

PUBLICADO: 11/2022

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i11.2209>

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ADOLESCENTE PORTADOR DO VÍRUS DA
IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)**

TERESINA-PI 2022

EMANUELLA TEIXEIRA HENRIQUE ALVES
YSLEN LAWANDA NASCIMENTO DIAS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ADOLESCENTE PORTADOR DO VÍRUS DA
IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Santo Agostinho, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Ma. Vânia Maria Alves de Sousa

TERESINA-PI 2022

EMANUELLA TEIXEIRA HENRIQUE ALVES
YSLEN LAWANDA NASCIMENTO DIAS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ADOLESCENTE PORTADOR DO VÍRUS DA
IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Santo Agostinho, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Data de aprovação: ____/____/____

Prof.^a Ma. Vânia Maria Alves de Sousa
Centro Universitário Santo Agostinho (Orientador)

Profa. Dra.
Centro Universitário Santo Agostinho (1^a Avaliadora)

Profa. Dra.
Centro Universitário Santo Agostinho (2^a Avaliadora)

EMANUELLA TEIXEIRA HENRIQUE ALVES

YSLEN LAWANDA NASCIMENTO DIAS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ADOLESCENTE PORTADOR DO VÍRUS DA
IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Santo Agostinho, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Data de aceite do artigo para publicação:

____/____/____

Local de publicação:

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA	7
2.1 Análise de Dados	8
3 RESULTADOS	9
4 DISCUSSÃO	12
5 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	17

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ADOLESCENTE PORTADOR DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV)

NURSING CARE FOR ADOLESCENTS WITH HUMAN IMMUNODEFICIENCY VIRUS (HIV)

CUIDADOS DE ENFERMERÍA PARA ADOLESCENTES CON EL VIRUS DE LA INMUNODEFICIENCIA HUMANA (VIH)

Emanuella Teixeira Henrique Alves¹, Yslen Lawanda Nascimento Dias¹, Ma. Vânia Maria
Alves de Sousa¹

RESUMO

A assistência de enfermagem ao adolescente vivendo com (HIV) Vírus da Imunodeficiência Humana, profissionais de saúde, pesquisadores e cuidadores lutaram para lidar com a primeira geração de adolescentes soropositivos, a expectativa de vida desses pacientes que é associado à terapia antirretroviral demonstra que o acompanhamento desses indivíduos vá além das necessidades físicas e biológicas, passando para as necessidades psicológicas e emocionais. Tem como objetivo analisar a assistência de enfermagem com relação ao cuidado dos adolescentes com HIV/aids, trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada através das bases de dados Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca virtual em Saúde do Adolescente (ADOLEC), utilizando-se os respectivos *Decs/Mesh*, bem como o conector booleano *AND*, e como critérios de inclusão: Artigos apresentados na língua portuguesa, apenas os textos completos e publicados nos últimos 10 anos (2012 a 2022) foram selecionados. Os resultados encontrados mostram que o HIV impõe restrições às atividades diárias devido ao tratamento e preconceito, por isso, é mostrada a importância do enfermeiro no processo de transição, com participação ativa no planejamento, gestão e execução das ações, em suas competências, sendo essas ações consideradas alicerces para enfrentamento da doença. Conclui-se sobre a necessidade de os profissionais de saúde da área de enfermagem ampliarem o cuidado para o desenvolvimento da autonomia desses adolescentes, pois inclui aconselhamento sobre adesão ao tratamento medicamentoso e sexualidade, compete a esses profissionais unirem esforços no aprimoramento de estratégias afim de promover a importante relação entre o profissional e o paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Vírus da Imunodeficiência Humana. Adolescentes. Assistência de Enfermagem.

ABSTRACT

Nursing care to adolescents living with (HIV) Human Immunodeficiency Virus, health professionals, researchers and caregivers struggled to cope with the first generation of HIV positive adolescents, the life expectancy of these patients that is associated with antiretroviral therapy demonstrates that the monitoring of these individuals go beyond the physical and biological needs, moving to the psychological and emotional needs. The objective of this study is to analyze nursing care in relation to the care of adolescents with HIV/AIDS. This is an integrative literature review carried out using the databases Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Biblioteca virtual em Saúde do Adolescente (ADOLEC), using the respective Decs/Mesh, as well as the Boolean AND connector, and the inclusion criteria were Articles presented in the Portuguese language, only full texts and published in the last 10 years (2012 to 2022) were selected. The results found show that HIV imposes restrictions on daily activities due to treatment and prejudice, therefore, the importance of nurses in the transition process is shown, with active participation in the planning, management and execution of actions, in their competences, these being actions considered foundations for coping with the disease. It is concluded on the need for health professionals in the nursing area to expand care for the development of the autonomy of these adolescents, as it includes counseling on adherence to drug treatment and sexuality. important relationship between the professional and the patient.

KEYWORDS: Human immunodeficiency virus. Teens. Nursing Assistance.

¹ Centro Universitário Santo Agostinho-UNIFSA

1 INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como HIV, e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, conhecida como Aids, é um tema que hoje está sendo debatido academicamente em todo o mundo e em diversas proporções sociais. Desde que surgiu, no século XIX, manifestaram mudanças epidemiológicas, representando um desafio para a comunidade científica de todo o mundo, que, na ainda sem o descobrimento de cura, tem buscado estratégias para limitar sua disseminação (CRUZ *et al.*, 2021).

Perante o diagnóstico positivo de infecção pelo HIV, é necessário um maior investimento em atividades relacionadas à saúde. A chave para melhorar o início da TARV (Terapia Antirretroviral) é a adesão a longo prazo e tratar o HIV. É fundamental que os enfermeiros melhorem sua capacidade de cuidado, aprimorando e priorizando ações e intervenções relacionadas à TARV (Terapia Antirretroviral) por meio da reestruturação de suas práticas, permitindo que usem ferramentas 6 especializadas para maximizar o cuidado ao paciente (CABRAL *et al.*, 2022).

Durante a terceira década da epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), profissionais de saúde, pesquisadores e cuidadores lutaram para lidar com a primeira geração de adolescentes soropositivos. Ao decorrer dos anos, buscou-se uma forma de garantir o acesso a um tratamento que expandisse a perspectiva de vida do adolescente e atendesse suas necessidades psiquiátricas. A conclusão é de que os desafios mais relevantes enfrentados pelos adolescentes soropositivos passam pela divulgação do seu diagnóstico a outras pessoas, bem como o tratamento das suas necessidades psicológicas (GALANO *et al.*, 2016).

O aumento da expectativa de vida desses pacientes que é associado à terapia antirretroviral demonstra que o acompanhamento desses indivíduos vai além das necessidades físicas e biológicas, passando para as necessidades psicológicas e emocionais que os ajudam a viver com longevidade, ao invés de focar na doença. Como resultado, há um olhar esperançoso para quem sofre de uma doença crônica que ainda não tem cura, de um tratamento longo e complicado, e que ainda é assolada pelo preconceito e pela discriminação (GOMES *et al.*, 2021).

Os adolescentes com HIV estão sempre tentando se adaptar a uma rotina de normalidade e se esforçam para não lembrar que foram diagnosticados com uma doença marcada por características estigmatizantes que isolam, discriminam e deixam seus cuidadores aprisionados. As características únicas deste etário apresentam desafios aos profissionais de saúde que trabalham com adolescentes soropositivos. Os desafios enfrentados pelos adolescentes soropositivos são constantes e, por isso, devem ser identificados e encarados. Um dos aspectos mais inconvenientes do tratamento é a severidade de horários da medicação, o que limita atividades sociais como confraternizações ou viagens (GALANO *et al.*, 2016).

Os profissionais de enfermagem envolvidos no tratamento de pacientes com HIV devem compreender que as intervenções devem ser sofisticadas para proporcionar ao paciente o controle sobre sua saúde e o quanto ele é responsável pelo sucesso do tratamento. É fundamental que o enfermeiro determine se o cliente compreendeu as informações e qual o peso que ele atribui a elas, bem como suscitar a reflexão sobre as consequências positivas e negativas do tratamento. Sabendo

que inúmeros fatores estão diretamente relacionados à eficácia da TARV (Terapia antirretroviral), a interação entre paciente, profissional, sistema de saúde e sociedade é fundamental (FIUZA *et al.*, 2013).

Considerando a problemática, esta discussão tem como objetivo de conhecer, analisar e discutir como é a assistência de enfermagem prestada em relação ao cuidado com os adolescentes portadores do HIV/AIDS.

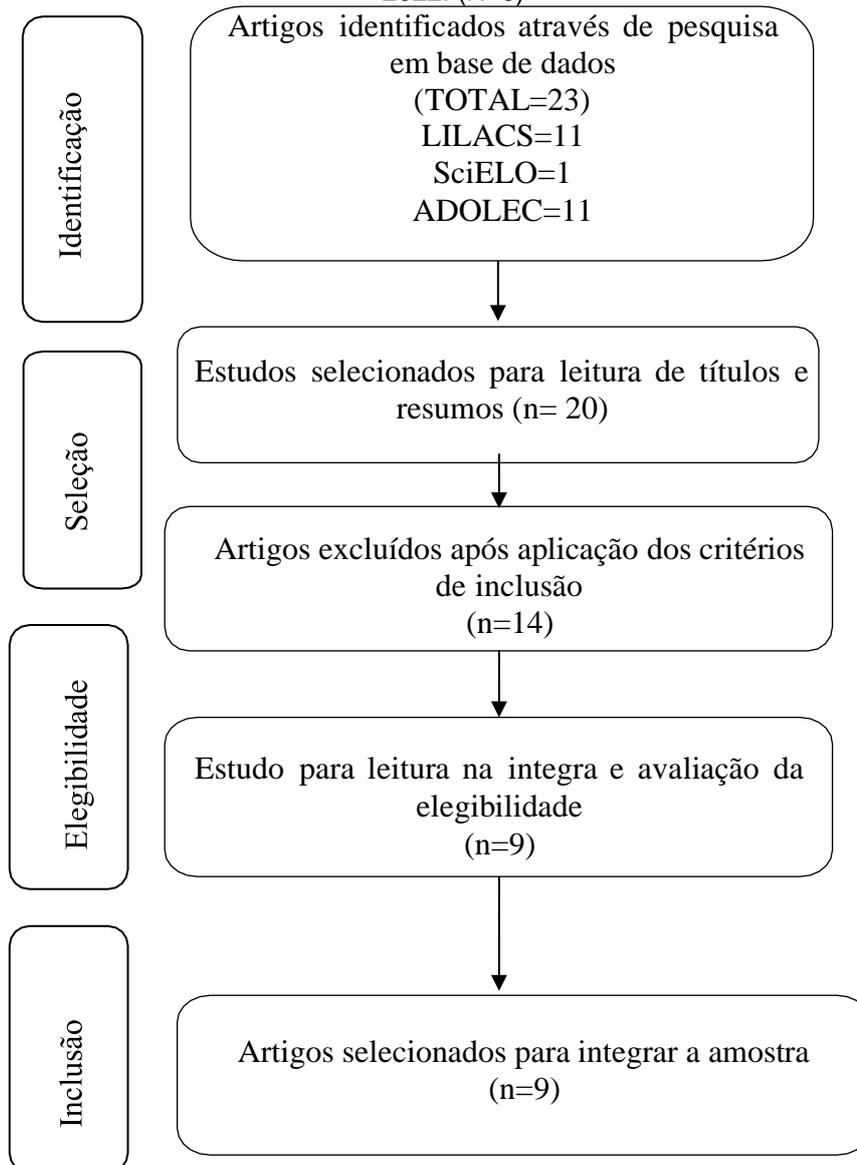
2 METODOLOGIA

Refere-se a uma revisão Integrativa que tem como finalidade condensar conclusões obtidas em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e integral. Possibilitando pesquisadores a interpretar o problema de pesquisa. De acordo com Souza, Silva, Carvalho (2010) a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática e tem como objetivo apresentar as fases constituintes de uma revisão integrativa e os aspectos relevantes a serem considerados para a utilização desse recurso metodológico.

Os artigos incluídos foram apresentados na língua portuguesa, apenas os textos completos e publicados nos últimos 10 anos (2012 a 2022) foram selecionados. Os critérios de exclusão foram revisões integrativas, revisões sistemáticas, revisões de literatura, teses, dissertações e trabalhos que fugiram do tema.

As bases de dados utilizadas na coleta foram realizadas durante o período de fevereiro, sendo entregues instrumentos de pesquisas constatadas nas bases de dados: Biblioteca em Saúde (BVS) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca virtual em Saúde do Adolescente (ADOLEC), utilizando-se os respectivos *Decs/Mesh*, bem como o conector booleano *AND*.

Figura 1- Estratificação e seleção dos estudos por critérios de elegibilidade. Teresina, PI, Brasil, 2022. (N=9)



Fonte: BVS, LILACS, SciELO e ADOLEC , 2022.

A busca inicial resultou em 23 estudos das bases mencionadas. Após critérios e elegibilidade restaram 9 artigos. Foram excluídos 4 por serem Tese, 1 por estar em outro Idioma, 2 por serem de um período anterior a 10 anos, 7 por não atenderem aos objetivos específicos. 14 estudos foram submetidos à leitura de texto completo, porém apenas 9 deles atendiam a questão de pesquisa e foram incluídos na amostra final, na síntese qualitativa dos dados.

2.1 Análise de Dados

Os estudos foram avaliados em duas etapas: leitura exploratória e seletiva. Na leitura exploratória, foi realizada uma leitura total do texto com enfoque voltado ao que é primordial para o

conhecimento. Na leitura seletiva, foi retirada de artigos apenas as informações interessantes para construção da pesquisa. Após a coleta e leitura dos artigos, eles foram organizados e foram criadas categorias, observando-se a similaridade dos conteúdos abordados em consonância com os objetivos do estudo, e posteriormente realizado a discussão e organização do que foi encontrado nos artigos trabalhados.

3 RESULTADOS

Conforme o Quadro 01, a maioria dos estudos foi publicado nos anos de 2014 (2 estudos) e 2015 (2 estudos). *Brazilian Nursing Journal of* e a Revista Eletrônica de Enfermagem foram as que mais indexaram artigos (2 estudos em cada). O Brasil foi o cenário de quase toda a amostra (apenas um dos artigos foi pesquisado também em outro país).

Alguns estudos apresentaram método e objetivos comuns, prevalecendo como interesse de estudo abordagens quantitativas na maioria dos estudos selecionados. Houve destaque para coortes multicêntricas, cuja amplitude da amostra contemplou mais de um país/continente. Dos 9 artigos que compuseram a amostra, todos foram em português.

Quadro 01. Descrição dos estudos a partir das variáveis comuns. Teresina, PI, Brasil, 2022.

N	TÍTULO	AUTOR	ANO	REVISTA	RESULTADO
1	Terapia antirretroviral cotidiano de adolescentes que vivem HIV/AIDS	BARRIONUEVO FAVERO <i>et al.</i>	2016	CIENCIA Y ENFERMAGEM XXII	Os adolescentes expressaram como vivenciam o cotidiano terapêutico, explicaram quais estratégias que utilizam para facilitar adesão a terapia medicamentosa e revelaram informações acerca da terapia antirretroviral oriundas dos profissionais de saúde, sendo essas temáticas consideradas alicerces para enfrentamento da doença
2	O significado de viver com HIV/Aids	BORTOLL OTI <i>et al.</i>	2014	<i>Online Brazilian Journal of Nursing</i>	O HIV impõe restrições às atividades diárias devido ao tratamento e preconceito. Foram comuns os sentimentos de desespero, culpa, medo, negação e aceitação. A maioria recebeu apoio familiar e não contou o diagnóstico a terceiros. O tratamento melhora a qualidade de vida, mas gera dificuldade profissional.
3	Qualidade de vida, adesão e indicadores clínicos em pessoas vivendo com HIV	PRIEIRA <i>et al.</i>	2020	<i>Acta Paul Enferm</i>	A qualidade de vida associada à adesão e aos indicadores clínicos geram um ciclo, em que os diferentes resultados de cada um admitem a interferência entre si
4	O convívio do adolescente com HIV/AIDS e autocuidado	SAMPAIO FILHO <i>et al.</i>	2013	<i>Brazilian Journal of Nursing</i>	Compete aos profissionais de saúde, especialmente aos enfermeiros, unirem esforços no aprimoramento das estratégias que visem ao engajamento de adolescentes portadores de HIV no autocuidado.
5	Gestão do cuidado de enfermagem ao adolescente que vive com HIV/AIDS	KOERICH <i>et al.</i>	2015	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Revela a importância do enfermeiro nesse processo de transição, com participação ativa no planejamento, gestão e execução das ações, em suas competências.

6	Desafios gerenciais na transição do adolescente com HIV/Aids por transmissão vertical em serviços de referência	SANTOS <i>et al.</i>	2014	Rev. Eletr. Enf.	Os dados foram analisados tematicamente, discutidos em três categorias: apresentando a estrutura dos serviços de referência em HIV/Aids infantil e adulto; recebendo e acompanhando os adolescentes que vivem com HIV/Aids por transmissão vertical nos serviços de referência; O enfermeiro como gestor nos serviços de referência em HIV/Aids, assim, aponta-se a necessidade de investimentos em infraestrutura, apoio e planejamento das ações gerenciais, capacitação e formação profissional para gestão em saúde afim de que esta transição do cuidado seja de qualidade.
7	Morbimortalidade de adolescentes com HIV/Aids em Serviço de Referência no Sul do Brasil	PAULA <i>et al.</i>	2012	DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis	Evidenciou-se a fragilidade clínica pelo comprometimento imunológico e doenças oportunistas, pela necessidade de acompanhamento clínico, laboratorial e medicamentoso permanente, pela demanda de adesão ao tratamento e exposição a efeitos adversos, o que indica a necessidade de integralidade na atenção à saúde dos adolescentes, com o compromisso de atender às demandas específicas da condição sorológica e da fase de crescimento e desenvolvimento.
8	Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar	PAULA <i>et al.</i>	2015	Revista Eletrônica de Enfermagem	Os resultados mais relevantes apontam que as participantes da pesquisa sofrem com a impossibilidade de não amamentar seus filhos e com a falta de um cuidado individualizado, especialmente, relativos aos problemas nas mamas.
9	Fatores determinantes da exposição sexual ao HIV em adolescentes Luso-brasileiros: uma análise de caminhos	TEIXEIRA <i>et al.</i>	2022	Rev. Latino-Am Enfermagem	Comportamentos sexuais dos adolescentes e configuração do relacionamento amoroso/sexual precisam ser considerados no planejamento da assistência em enfermagem para diminuir a exposição sexual ao vírus da imunodeficiência humana.

4 DISCUSSÃO

Os adolescentes comentam ter como apoio fundamental para o autocuidado a presença da família, dos profissionais de saúde e de outras pessoas próximas, como amigos. Os profissionais de saúde são referidos como apoio no processo de desenvolver o autocuidado, oferecendo informações e conhecimentos, em relação ao apoio dos profissionais de saúde, é preciso dizer que o profissional mais citado pelos jovens foi o médico, o que desperta certa dúvida quanto ao papel desempenhado pelo enfermeiro no acompanhamento desses indivíduos, eles também relatam que não há uma aceitação plena da doença. Há momentos em que compreendem a situação, parecendo que a aceitam, mas isso é cíclico, pois, em outros momentos, manifestam que não conseguem lidar bem com o fato de serem portadores do vírus (SAMPAIO FILHO *et al.*, 2013).

Cabe aos profissionais de saúde, especialmente aos enfermeiros, unirem esforços na obtenção de melhores estratégias para o engajamento de adolescentes portadores de HIV/Aids no autocuidado, sendo vital adotar cenários culturais e individuais, analisar conceitos, atitudes e observar as barreiras de autocuidado de cada indivíduo. A assistência de enfermagem a esse público é imprescindível e deve, também, atuar no sentido de ajudá-los a trabalhar seus medos, dúvidas e preocupações futuras. Este trabalho pode e deve ocorrer dentro da instituição hospitalar, e para isso o enfermeiro conta com estratégias de promoção da saúde que pode vir a fazer uso dentro deste ambiente, sendo a educação em saúde apenas uma delas (SAMPAIO FILHO *et al.*, 2013).

Um estudo realizado por Santos *et al.*, (2014), apresenta a estrutura dos serviços de referência em HIV/Aids infantil e adulto, que busca preservar o sigilo da doença e garantir o acompanhamento dos adolescentes com HIV/Aids. Constitui-se como um espaço de troca de experiências entre os adolescentes, a equipe juntamente com o enfermeiro planeja atendimento em grupos, objetivando criar espaços que favoreçam essas trocas. No ambulatório do serviço adulto, o acompanhamento ao adolescente é iniciado e, por algum tempo, realizado apenas pelo profissional médico, devido à falta de uma equipe multiprofissional exclusiva. É desvelado que este acompanhamento atinge dificuldades, uma vez que muitos profissionais não são treinados e em número suficiente para o cuidado a este adolescente, eles são encaminhados ao serviço sem informações pregressas do seu histórico de doença, social e familiar, uma vez que é transferido somente com um resumo do seu tempo de acompanhamento no serviço infantil, desta forma, a falta de investimento, planejamento dos serviços e de capacitação profissional para atender esta nova demanda, contribuem para a composição do cenário apresentado.

O autor já citado recorda que o enfermeiro como gestor nos serviços de referência em HIV/Aids, define a gerência do cuidado como um ato de pensar sobre o cuidado. Uma vez que, faria parte do ato de gerenciar, organizar os fluxos de serviço, escutar a equipe de saúde, pensar e implementar os métodos de assistência e se interessar pelo cuidado de qualidade ao paciente. Entretanto, para o enfermeiro o planejamento não se sustenta/fundamenta em si, mas depende da aprovação, das secretarias, gerências e direções, da sobrecarga de trabalho e da dificuldade em agregar enfermeiros ao serviço que desejem trabalhar com adolescentes que vivem com HIV/Aids, renunciando ao preconceito e de todo o estigma que a doença traz. Os resultados desse estudo vislumbram a importância do desenvolvimento de competências do enfermeiro para a participação em todos os

âmbitos gerenciais das instituições, com atitude ético-política, visando que o processo de transição do cuidado ao adolescente que vive com HIV/Aids entre os serviços de referência seja fundamentado no cuidado integral e de qualidade. É ressaltado a importância de formação e capacitação profissional para gestão em saúde por meio da criação de estratégias que visem formar e desenvolver profissionais com conhecimento, habilidades e atitudes voltadas à atuação gerencial em serviços especializados.

Segundo Paula *et al.*, (2012) nos seus estudos, a caracterização dos adolescentes com HIV/aids mostrou a fragilidade clínica pelo envolvimento imunológico e suscetibilidade às doenças oportunistas, pela necessidade de acompanhamento clínico, laboratorial e medicamentoso permanentes, bem como de adesão ao tratamento, e pela exposição a efeitos adversos e possibilidade de falhas terapêuticas. O que se refere a doenças oportunistas associadas à aids, elas constavam para a maioria dos adolescentes, dentre as quais a mais frequente foi a pneumonia. Especialmente as doenças oportunistas resultaram em internações hospitalares, durante o acompanhamento ambulatorial de saúde, os adolescentes realizavam uma diversidade de exames laboratoriais, tendo mais frequência: hemograma e genotipagem. Quanto à variável de mortalidade dos adolescentes que tinham HIV/aids, identificaram-se como causas de morte: choque séptico e insuficiência respiratória aguda. Assim, indica a necessidade de integralidade na atenção à saúde dos adolescentes, no compromisso de atender às demandas específicas da condição sorológica e da fase de crescimento e desenvolvimento. É preciso implantar ações de promoção e manutenção da saúde e prevenção do adoecimento que atendam às especificidades dessa população. Para tal intuito, torna-se imprescindível aprimorar o acesso ao serviço e o vínculo com os profissionais.

Para gestão do cuidado o vínculo é conceituado essencial, havendo confiança, intimidade, empatia e afetividade. Os profissionais relatam que os adolescentes precisam de um espaço particular para falar sobre coisas que não conseguem compartilhar, devido ao sigilo que a doença demanda, necessitando de uma abordagem diferenciada, a realidade social que esse adolescente vivencia, resultado de uma doença estigmatizada, relacionada ao empobrecimento, a marginalidade e a vulnerabilidade social é apontada como uma das principais dificuldades para a gestão do cuidado, questões que influenciam na adesão e continuidade no tratamento, outra questão relevante é a revelação diagnóstica, de acordo com os profissionais conhecer o diagnóstico é um direito do adolescente, é necessário ter transparência, para que o adolescente tenha conhecimento da doença e, dessa forma, participe, ativamente, no seu tratamento. Os sentimentos revelados pelo enfermeiro em relação à profissão também aparecem como obstáculo na relação com os demais profissionais da equipe de saúde. A sensação de despreparo em relação à temática do HIV, assim como de inferioridade e desvalorização profissional, desencadeia sentimento de frustração e descontentamento com o trabalho interferindo na produção de novos modelos de cuidado a esse público específico (KOERICH *et al.*, 2014).

Quanto à adesão a terapia medicamentosa, os adolescentes expressam algumas dificuldades vivenciadas nas rotinas para o uso da medicação, relatam dificuldades em seguir a rotina das medicações, advertem serem difíceis de engolir pelo gosto, serem semelhantes a alimentos gordurosos e até mesmo de provocarem efeitos colaterais como o mal estar, vômitos, perda de apetite e sonolência, discorreram, também, sobre estratégias utilizadas para ingestão das medicações, eles manifestaram práticas simples e autênticas, o que facilita a ingestão das medicações, destaca-se os líquidos. É

fundamental a inclusão da família e dos grupos sociais nas formas de apoio para promover estratégias de adesão e dividir responsabilidades, a família é como uma rede importante de apoio na adesão ao tratamento. No estudo, ressalta-se, quando questionados sobre o apoio dos profissionais de saúde referente à adesão ao tratamento, os adolescentes demonstraram nunca ou poucas vezes terem dialogado com tais profissionais sobre a questão da adesão. Foram postas as necessidades de cooperação entre profissionais de saúde, adolescentes e familiares, com intuito de oportunizar a comunicação e a interação entre todos para o sucesso da adesão ao tratamento, a pesquisa torna-se relevante às perspectivas relacionadas à Enfermagem, verteu a necessidade de os profissionais dessa área redimensionar o cuidado para o desenvolvimento da autonomia desses adolescentes, de forma que eles desenvolvam a adesão à terapia medicamentosa. Assim, os profissionais de enfermagem poderão contribuir para a edificação do processo de incentivo a autonomia desses adolescentes sobre sua situação de saúde e sobre a tomada de decisão de adesão à terapia (BARRIONUEVO FAVERO *et al.*, 2016).

É reforçado que dentre as funções do enfermeiro às consultas de enfermagem têm grande importância para a administração do cuidado ao adolescente com HIV/AIDS, pois envolve orientações sobre adesão ao tratamento medicamentoso e sexualidade, analisando aproximação do adolescente e responsabilizando-o pelo tratamento, considerando que no serviço adulto espera-se que o paciente já saiba de sua doença, é ressaltado também a proposta de uma comunicação entre os enfermeiros dos serviços infantil e, adulto, a fim de trocar informações acerca do histórico do adolescente e conhecê-lo antes da transferência, contribuindo para uma transição mais humanizada. Assim, os resultados mostram a relevância de um maior envolvimento do enfermeiro no processo de acompanhamento e transição, com participação ativa no planejamento, gestão e execução das ações, dentro das suas competências (KOERICH *et al.*, 2014).

Nas palavras de Bortolotti *et al.* (2014) para os adolescentes, ser soropositivo significa conviver com o preconceito e as restrições às atividades diárias. No estudo, uma adolescente descreve o descontento de ser mãe com o HIV, revela que o parto e os cuidados com o filho não são iguais aos de mulheres não soropositivas, o que gera o sentimento de exclusão e que percebem o preconceito nos relacionamentos amorosos, na própria família e no convívio social. Os adolescentes dizem ter uma perspectiva otimista em relação ao tratamento e aponta a melhoria da qualidade de vida e esperança de cura, o tratamento envolve não só o uso da medicação em horários regulares, como também o aparecimento às consultas e aos exames, retratam o preconceito, a sensação de exclusão no ambiente social, a insegurança e as dificuldades relativas ao seguimento do tratamento e nos relacionamentos interpessoais e profissionais, desse modo o apoio familiar e social assegura maior adesão ao tratamento, aumento da qualidade de vida e promove motivação a um futuro melhor. Por isso a autora recorda que os profissionais de saúde devem aderir atividades educativas, principalmente de grandes seguimentos, para romper preconceitos e estigmas. A enfermagem colabora na prestação de cuidado aos adolescentes soropositivos, intervindo com visão holística e empatia, concebendo as demandas de saúde e as questões psicossociais envolvidas, efetivando planos de cuidado e instruindo na adesão ao tratamento e promovendo a autonomia.

O profissional de saúde deve estar disposto a intervir, quando necessário, junto aos domínios mais comprometidos de qualidade de vida. No estudo aponta, o estigma e preconceito podem ser

trabalhados em equipe, e os problemas financeiros, ou medos relacionados à renda limitada que estas pessoas podem estar sujeitas, essas avaliações e encaminhamentos podem ser realizadas pelo enfermeiro. É recomendado a necessidade de promover o vínculo entre profissional e usuário e que se interpreta em confiança indispensável para o sucesso do tratamento, uma vez que poderá refletir em aceitação dos cuidados prescritos. A qualidade de vida pode ser verificada antes mesmo do início da terapia, promovendo cuidados específicos em domínios que podem vir a ser preditoras de não adesão. Sua avaliação deve ser contínua, assim como a adesão, da mesma forma que os exames laboratoriais que são instituídos como rotina. Nesse estudo, foi evidenciado que a qualidade de vida de pessoas com HIV fica comprometida, principalmente, pela preocupação com o sigilo e preocupação financeira. Por outro lado, a segurança no profissional é promotora de adesão, colaborando para a melhora da condição de vida das pessoas que vivem com HIV, e que a relação da qualidade de vida com a adesão promove bons resultados clínicos (PRIMEIRA *et al.*, 2020).

O receio de revelar o diagnóstico advém do medo quanto ao julgamento social, tal fato demonstra que a equipe de saúde responsável pela assistência às pessoas com HIV, nem sempre está preparada para prover acolhimento satisfatório, é comum o relato de pouca atenção dos serviços de saúde para as relações dialógicas favoráveis, os estudos mostram que muitos profissionais que atendem aos portadores de HIV/aids não possuem conhecimento ou qualificação na área. O tratamento desses pacientes deve ir além da administração de medicamentos, se estendendo a um cuidado físico e emocional, enfatiza-se a importância de sensibilizar e preparar os profissionais de saúde, para que compreendam o impacto da soropositividade para o HIV na vida dos portadores, mediante o aconselhamento centrado no diálogo, na escuta, na empatia e acolhimento. Além do mais, o desrespeito aos aspectos éticos implicados no atendimento às pessoas com HIV/aids pode afetar a saúde física e emocional destes, os quais a se encontram em situação vulnerável, esperando do profissional uma assistência acolhedora e de qualidade.

Em um estudo realizado por Teixeira *et al.*, (2022) relata algumas implicações para o cuidado e a prática em enfermagem à frente da exposição de um conjunto de evidências acerca de práticas sexuais na adolescência, o que pode direcionar melhor os procedimentos terapêuticos, a alfabetização, o letramento e a orientação em saúde, a ampliação da cobertura de testagem ao HIV e outras ISTs. Além disso, resultados podem auxiliar na implementação de diretrizes e protocolos assistenciais, no direcionamento de intervenções individuais e coletivas empregadas pela equipe de enfermagem junto aos adolescentes nos territórios dos quais fazem parte. É útil que enfermeiros criem um espaço favorável à escuta e ao diálogo livre de julgamentos na consulta de enfermagem, com reflexos positivos no estabelecimento de vínculo, confidencialidade e responsabilização entre profissional e usuário.

De acordo com o autor supracitado, ainda afirma que o avanço na prática de enfermagem e saúde direcionada aos adolescentes é emergencial, tendo em vista as transformações rápidas na construção das identidades sociais, sexuais, na comunicação (analógica e virtual), no consumo precoce e frequente de conteúdo pornográfico, álcool e outras drogas no sexo e na iniciação sexual antecipada. No estudo, as várias possíveis relações causais, os comportamentos e as práticas sexuais dos adolescentes, foram determinantes para a exposição e têm de ser olhado no planejamento da assistência em enfermagem dirigida a esta população, para diminuir a exposição ao vírus. A liderança das enfermeiras(os) nas equipes de saúde deve estar empenhada para levar às mesas decisórias e

definidoras de políticas nacionais de saúde essa questão crucial para o cuidado integral da saúde de adolescentes, de modo que medidas individuais ou coletivas, protetivas e de prevenção sejam explicitamente definidas e adotadas nos serviços nacionais de saúde.

5 CONCLUSÃO

Para muitos adolescentes, ser portador do vírus da imunodeficiência humana (HIV) pode ser sinônimo de preconceito e limitações na realização de atividades diárias. É necessário que os adolescentes conheçam seu diagnóstico com transparência para que dessa forma possa ter eficácia na participação do tratamento, que necessita ir além da administração medicamentosa na qual deve se estender ao cuidado físico e emocional. Ter o apoio familiar e social garante uma eficácia maior no tratamento, no acréscimo da qualidade de vida, o que pode estimular em um futuro melhor, tornando esse apoio familiar e social imprescindível. O estudo mostra que estigma e preconceito podem ser suprimidos em equipe, os profissionais de saúde são relacionados com o apoio do processo de desenvolvimento do autocuidado. O descumprimento dos aspectos éticos relacionados ao cuidado de pessoas vivendo com HIV/AIDS pode afetar sua saúde física e emocional, pois se encontram em situação de vulnerabilidade, aguardando acolhimento e atendimento de qualidade por parte do profissional.

É fundamental que o enfermeiro preste assistência a esse público, e essa assistência deve incluir também ajudá-lo a lidar com suas preocupações, incertezas e inquietações atuais e futuras. Um papel importante da enfermagem é auxiliar na assistência aos adolescentes soropositivos, intervindo com visão holística e empática, compreendendo as necessidades psicológicas e físicas associadas, implementando planos de cuidados, educando sobre adesão ao tratamento. Os profissionais afirmam que os adolescentes precisam de um espaço específico para falar sobre coisas que não podem compartilhar devido ao sigilo que a soropositividade exige. É importante que os enfermeiros colaborem esforços para encontrar as melhores abordagens para envolver os adolescentes com HIV/AIDS no autocuidado e fundamental que o enfermeiro crie um espaço propício à escuta e ao diálogo livre de julgamentos durante a consulta de enfermagem. Confirma-se que, dentre as atribuições do enfermeiro, a consulta de enfermagem é fundamental para o gerenciamento do cuidado ao adolescente com HIV/AIDS, pois inclui aconselhamento sobre adesão ao tratamento medicamentoso e sexualidade, avaliando a proximidade do adolescente e responsabilizando-o pelo tratamento. As avaliações e encaminhamentos podem ser realizadas pelo enfermeiro.

Aconselha-se promover a relação entre o profissional e o paciente, transferindo assim a confiança essencial para o sucesso do tratamento. É entendida a necessidade de os profissionais dessa área ampliarem o cuidado para o desenvolvimento da autonomia desses adolescentes para que eles também possam desenvolver um vínculo com a terapia medicamentosa. Com isso, os profissionais de enfermagem podem apoiar o processo de incentivo à autonomia desses adolescentes em relação à sua situação de saúde e à decisão de seguir a terapia.

Portanto, conclui-se que, para o enfermeiro, o plano não é sustentado ou fundamentado em si mesmo; antes, depende da aprovação da secretaria, gestão e direções, da superlotação de pessoal e da dificuldade de agregar enfermeiros ao serviço que desejam trabalhar com adolescentes

que têm HIV/Aids enquanto dissipam o estigma todos os associados à doença, mas os adolescentes relatam uma perspectiva otimista em relação ao tratamento e a melhoria da esperança de cura, o que não envolve apenas o uso da medicação em regular como também o tratamento e aos exames, retratam o preconceito, a sensação de exclusão no ambiente social.

REFERÊNCIAS

BARRIONUEVO FAVERO, Natalia; DUTRA SEHNEM, Graciela; DA SLLVEIRA, Andressa y STENERT, Fernanda. Terapia antirretroviral no cotidiano de adolescentes que vivem com hiv/aids. **Cienc. Enferm.**, v. 22, n. 1, p. 23-33, 2016.

BORTOLOTTI, L. R.; *et al.* O significado do viver com o HIV/aids na adolescência: Estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p.535-48, 18 dez. 2014. Disponível em:[C:\Users\joelm\Downloads\ https://doi.org/10.5935/1676](https://doi.org/10.5935/1676). Acesso em: 14 out. 2022.

CABRAL, J. R. da.; *et al.* Assistência de enfermagem e adesão à terapia antirretroviral. **Rev. de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, Pernambuco, v. 14, p. 2-5, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.10083>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CRUZ, M. M. da.; *et al.* Análise da implementação das estratégias de comunicação para as ações de testagem e sua vinculação ao tratamento de HIV/aids em homens que fazem sexo com homens em Curitiba. Rio de Janeiro, **Rev. Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 667, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i3.2327>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FIUZA, M. L. T.; *et al.* Adesão ao tratamento antirretroviral: assistência integral baseada no modelo de atenção às condições crônicas. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 741, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/q6Dw5CCC8VPvVLBwVt3hcnJ/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2022.

GALANO, Eliana. et al. Vivências dos adolescentes soropositivos para HIV/Aids: estudo qualitativo. **Rev. Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 34, n.2, p. 172, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rppede.2015.08.019>. Acesso em: 25 abr. 2022.

GOMES, M. P. *et al.* A vivência do preconceito após a revelação da soropositividade para o HIV. **Rev. Rede cuid. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 48-54, 2021. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rcs/article/view/6112/3453>. Acesso em: 27 abr. 2022.

KOERICH, C. *et al.* Gestão do cuidado de enfermagem ao adolescente que vive com HIV /AIDS. **Escola Anna Nery [online]**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115-123, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150016>. Acesso em: 14 out. 2022.

NATALIA. B. F. *et al.* Terapia Antirretroviral no cotidiano de adolescentes que vivem com HIV/Aids. **Cien. Enferm**, Conceição, v. 22, n. 1, p. 23-33, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717> . Acesso em: 14 out. 2022.

PAULA, C. de. et al. Morbimortalidade de adolescentes com HIV/aids em serviço de referência no sul do Brasil. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 44-48, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5533/2177-8264201224111>. Acesso em: 14 out. 2022.

PAULA. M. G. de. et al. Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar. **Revista Eletrônica Enfermagem**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 136-142, 31 mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v17i1.23949>. Acesso em: 14 out. 2022.

PRIMEIRA, M. R. *et al.* Qualidade de vida, adesão e indicadores clínicos em pessoas vivendo com HIV. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, São Paulo, v. 33, p.1-8, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0141>. Acesso em: 14 out. 2022.

SAMPAIO FILHO, F. J. D. L. S.; *et al.* O convívio do adolescente com HIV/AIDS e o autocuidado: Estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 89105, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20133812>. Acesso em 14 out. 2022.

SANTOS, F. C. dos. *et al.* Desafios gerenciais na transição do adolescente com HIV/Aids por transmissão vertical em serviços de referência. **Revista Eletrônica Enfermagem**, Goiânia, v. 16, n. 2, p.109-116, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/21666>. Acesso em: 14 out. 2022.

TEIXEIRA, J. R. B. *et al.* Fatores determinantes da exposição sexual ao HIV em adolescentes luso-brasileiros: uma análise de caminhos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]**, Ribeirão Preto, v. 30, n. spe, p. 1-15, 03 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6222.3715>. Acesso em: 14 out. 2022.